

o *Restaurador*, o *Tamoio Constitucional* e parte de *O Caolho* e do *O Permanente* são o lote do Sr. Queiroz; pesam sobre os ombros do Sr. Davi: o *Adotivo*, o *Papeleta*, o *Brasileiro Pardo*, o *Andradista*, o *Lafuente* e parte do *Bentevi*, da *Loja do Belchior* e do *Esbarra*. O primeiro afeta finura, profundidade e estilo misterioso, procura com desvelo analogias recônditas e falsas e quer parecer filósofo e pensador à maneira dos cínicos mais depravados. O segundo tem fumos de literato, pilha Filinto Elísio e mais alguns quinhentistas para ter o ar de purista em linguagem e é sempre declamador e pedante. O primeiro, não contente da imundície que encontra na superfície da terra, vai cavá-la no fundo e com esforço. O segundo contenta-se com o que acha à superfície, para enfeitar os seus inúmeros escritos. O primeiro, pregando a restauração e facilitando-lhe os caminhos, a cada passo manifesta que zomba com papelões aristocráticos a quem a está fazendo e cujos interesses defende por um cálculo de perversidade. O segundo aspira a ser popular e adular a multidão e não pode disfarçar a aversão, o antigo ódio que vota aos brasileiros e a sua simpatia exclusiva por tudo que é do outro mundo. O primeiro encara a restauração como um modo de chegar à anarquia ensangüentada, ao regime do terror, à dominação dos demagogos ferozes. O segundo olha a anarquia como o caminho que vai ter à restauração e à tirania imperial. O primeiro alia o prazer bárbaro de decapitar vítimas no tribunal revolucionário e de sacrificar à sua inveja e raiva negra todas as notabilidades sociais, adulando para esse fim as paixões da população. O segundo conta enviar à força e às galés os amigos da liberdade brasileira, gozando o favor do príncipe, em cujo serviço se tem arrastado tanto”(93).

Mas havia, também, outro tipo de imprensa, pouco numeroso, evidentemente, mas significativo, que pode ser exemplificado com *O Auxiliador da Indústria Nacional*, que começou a circular a 15 de janeiro de 1833, como órgão da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, fundada na Corte, em 28 de fevereiro de 1828, por Inácio Alves de Almeida, contando, inicialmente, com 49 sócios, chegando a 75 em 1833, quando secretário José Silvestre Rebelo. Tal Sociedade, que gastava com o jornal, em forma de revista, como era comum na época, 689\$258 anuais, tinha Conselho Administrativo composto de comissões, inclusive a de Redação de Jornais, Programas e Revisão de Memórias, constituída, em 1833, por Januário da Cunha Barbosa, frei Custódio Alves Serrão e Baltasar da Silva Lisboa, que redigia o jornal. Publicava estas memórias sobre café, açúcar, mandioca, fabricação de produtos de origem vegetal e animal, velas, sebo,

(93) Otávio Tarquínio de Sousa, op. cit., pág. 148.